A definição do que eu achava que eu era e a certeza de que o que eu não era

A concepção extremamente impressionável, de um modo que eu mesmo sentia um grande respeito, e inalterável que tinha se estabelecido na minha consciência, gostando ou não, era de um Ser infinitamente mais abstrato, remoto e inacessível do que qualquer outro gênio da humanidade que já tinha evoluído, após sua própria imagem e fora das necessidades de seu próprio coração – inescrutáveis, impensáveis, indizíveis; acima de todas as paixões humanas, fora do alcance de qualquer apelo humano; Alguém sobre os cujos atributos era inútil especular – Alguém cujo nome *era uma coisa*, não *uma pessoa*.

O pensamento de aniquilação total não era benigno, mas não tinha nenhum terror.

Mesmo quando eu era criança, astutamente suspeitava que o inferno não passava de uma ameaça vulgar para meninos e meninas malvados e o céu parecia um suborno vulgar, do modo casual em que qualquer uma delas era considerada minha parte provável para os servos e tais pessoas, de acordo com o meu comportamento. Tais coisas nunca me foram mencionadas pelos meus pais, nem pelo Sr. Le Major ou pelas pessoas da família Seraskier – as únicas pessoas em quem eu confiava.

Porém, pelo preconceito contra o sacerdote, fiquei imparcial nessa idade sensível e vulnerável. Eu havia aprendido meu catecismo e lido minha Bíblia, e costumava fazer a Oração do Senhor quando ia para a cama, e “Deus abençoe papai e mamãe” e os demais pedidos, de maneira habitual e superficial.

Nunca ouvi uma palavra contra a religião daqueles poucos em quem eu havia depositado minha fé infantil; por outro lado, nenhuma importância foi

atribuída a ela, aparentemente, como foi atribuída às virtudes da veracidade, coragem, generosidade, abnegação, polidez e, principalmente, consideração na mesma intensidade pelos outros, pobres ou ricos, humanos e animais.

Imagino que meus pais devam ter fechado a questão entre eles, e decidiram que eu mesmo deveria resolver todos os problemas mais graves da minha existência, quando chegasse à idade propícia, fora da minha própria consciência e com o conhecimento da vida que eu deveria adquirir, apesar de toda a ajuda que eles, certamente, teriam me dado, de acordo com o conhecimento de cada um, se tivessem sobrevivido.

Fiz isso e também fiz de mim mesmo um código de coisas morais para viver, no qual a religião tinha apenas uma pequena parte.

Para mim, havia apenas um pecado, e isso era a crueldade, porque eu a odiava; embora a natureza, para propósitos inescrutáveis, quase ensina isso como uma virtude. Todos os pecados que não incluíam crueldade eram meramente pecados contra a saúde, ou o paladar, ou senso comum ou a conveniência pública.

O livre-arbítrio era impossível. Só podíamos *parecer* livres; e isso apenas dentro dos limites de um pequeno triângulo, cujos lados eram a hereditariedade, educação e circunstância – um pequeno arranjo geométrico próprio, do qual não me sentia nada orgulhoso, embora não havia o quarto elemento – talvez porque fosse apenas um triângulo.

Ou seja, nós poderíamos querer rápido o suficiente – *bem* rápido; mas nós não poderíamos saber *como* desejar – felizmente, pois ainda não estávamos prontos e, por muito tempo, confiamos que éramos constituídos como nós somos!

Até os personagens de um romance devem agir de acordo com a natureza, experimentando e motivar o autor deles, o romancista que os caracterizou, ou então nós deixamos o romance de lado e lemos outra coisa; pois a natureza humana deve ser consistente consigo mesma tanto na ficção e como nos fatos. Até na sua loucura, deve haver um método, senão como poderia a vontade ser livre?

Orar por qualquer benefício pessoal ou remissão do mal – dobrar os joelhos ou elevar a voz em louvor ou ação de graças por qualquer coisa terrena que tivesse acontecido com alguém, seja por herança, por acaso ou por um esforço bem-sucedido – na minha opinião era simplesmente fútil; mas, deixando -essa futilidade de lado, era um ato de presunção servil, de impertinência imponente, não sem suspeitar de um animado sentido de favores por vir.

Pareceu-me que os judeus – um povo supersticioso e de negócios, que sabem o que querem e não se importam como conseguem – devem ter nos ensinado a orar assim.

Não foi a criança doce e simples que suplicava, inocentemente, para que amanhã fosse bom para as férias ou que o Papai Noel fosse generoso; foi sim o comerciante astuto, bajulador, adulador, propiciando, com subornos claros, com elogios esfuziantes para as pessoas importantes ou poderosas só porque desejava obter algo delas (um insulto em si mesmo), bem como oferendas para se colocar em altares, trabalhando para seu próprio êxito aqui e no futuro, e confundindo o seu inimigo.

Era o cão bajulador, sem o seu único rastro de amor, mais forte que o seu medo ou o senso de interesse próprio.

Que atitude para alguém que Deus havia feito à Sua própria imagem – mesmo em relação ao Seu Criador!